

Memorial Latino Americano

Para o catálogo

Meu envolvimento

A relação que mantenho com o trabalho é complexa. Ela se manifesta em facetas e dá sentido à minha vida, compondo um mosaico de caminhos cruzados, ligando um à outra.

A maior parte de meu trabalho fotográfico entre os Yanomami representa minha convivência com eles através dos anos 70, uma visão intimista de um povo usufruindo plenamente sua cultura milenar na floresta amazônica. O trauma dos primeiros contatos com os construtores da Perimetral Norte, ainda dos anos 70. O trabalho posterior ligado aos direitos humanos e territoriais, nos anos 80, é uma sequência desse contato vivido com os Yanomami. A tomada de consciência de que éramos poucos os que os conheciam mostrou que era preciso um engajamento à árdua luta pelos direitos territoriais e defesa da vida desse povo. Fundamos a CCPY. Há onze anos desenvolvemos uma campanha pelos direitos humanos dos Yanomami dentro e fora do Brasil. Organizações governamentais e não governamentais do mundo ocidental se engajaram na luta pela sobrevivência dos Yanomami. E a campanha continua.

Espero transmitir através das imagens captadas e expostas no Memorial da América Latina, temperado por uma visão pessoal, o ethos Yanomami, uma reflexão sobre os valores éticos e a responsabilidade que temos vis à vis o "outro", que vive com valores culturais únicos e que enriquece singularmente a grande família humana.

Reflexões sobre o drama Yanomami

O que significará a extinção do povo Yanomami, a morte anunciada, a nossa aparente impotência e responsabilidade frente aos acontecimentos?

Como o governo, a sociedade, você vão se comportar frente ao desastre que se abate sobre os Yanomami, com as epidemias de malária, a desnutrição, centenas e centenas de mortes; vivendo no mato sem caça, sem vontade de fazer roças, águas sem peixe, rios poluídos pelo mercúrio e óleo, desviados dos seus leitos para serem cavados em busca de ouro e de cassiterita?

Os Yanomami estão diminuindo. Os pajés estão se extinguindo. A sabedoria dos velhos está se indo, sem que tenham tempo de transmiti-la.

A morte do povo é uma bofetada na nossa cara, na nossa consciência.

É inaceitável, em pleno século XX, deixar morrer uma civilização em troca de ouro. Salvar os Yanomami é um desafio. Tenho certeza que os organizadores que nos convidaram e outros que participam desta mostra subscrevem a denúncia do crime que está sendo cometido.

Os 32 painéis que compõem a exposição foram preparados para colocar a realidade dos fatos, passado e presente, ponto e contraponto.

É significativa a colaboração do fotógrafo Charles Vincent, que completa a visão atual dos Yanomami com suas duas dramáticas imagens que ajudam a criar o contraponto ao mundo tradicional de ontem. Os textos da antropóloga Alcida Ramos que acompanha os Yanomami há anos com respeito e lealdade, sempre disposta a apoiar, a voz do próprio Yanomami que transmite a angústia vivida atualmente por esse povo.

Claudia Andujar